

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

SANDRA REGINA ESCORCIO BAPTISTA

**A LINGUAGEM VIRTUAL NO ÂMBITO ESCOLAR
APROPRIAR-SE OU NÃO DESTA FERRAMENTA?**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2015**

SANDRA REGINA ESCORCIO BAPTISTA

**A LINGUAGEM VIRTUAL NO ÂMBITO ESCOLAR
APROPRIAR-SE OU NÃO DESTA FERRAMENTA?**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Edson Domingos Fagundes

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: Sandra Regina Escorcio Baptista

Polo: Polo Osasco

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A linguagem virtual no âmbito escolar. Apropriar-se ou não desta ferramenta?

Esta monografia foi apresentada às **8:30:00 AM h** do dia **12/5/2015** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	x	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador.
3		Reprovado

Professor Edson Domingos Fagundes

UTFPR – PR

(orientador)

Professora Maria Ieda Almeida Muniz

UTFPR – PR

Professora Carolina Fernandes da Silva Mandaji

UTFPR – PR

OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.

RESUMO

BAPTISTA, Sandra Regina Escorcio. **A linguagem virtual no âmbito escolar – apropriar-se ou não desta ferramenta?** Curitiba, 2015. 20 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

A linguagem virtual, ou internetês, como cientificamente é denominada, está a cada dia mais vinculada a vida dos jovens e adolescentes. As instituições educacionais e os professores possuem opiniões divergentes com relação a sua inserção ou não ao âmbito escolar. Estudos evidenciam que a linguagem padrão em contexto escolar é muito pouco influenciada pela linguagem virtual, demonstrando que os indivíduos que fazem parte deste processo de letramento sabem exatamente quando, como, com quem e em que contexto utilizá-las. Buscando angariar dados contundentes através de pesquisa bibliográfica dos mais renomados autores, este artigo tem por objetivo propiciar uma reflexão sobre a importância da inserção da linguagem virtual às aulas de Língua Portuguesa, relacionando a linguagem “teclada” em âmbito digital a um novo gênero textual bem mais permissivo e flexível do que a linguagem padrão da Língua Portuguesa. Uma vez que a formação do educando deve ser integral e contemplar as mais diversas esferas sociolinguísticas, ampliando seu universo cognitivo, através das bibliografias de referência, chega-se a conclusão de que a linguagem digital deve ser contemplada e inserida no âmbito escolar como variante linguística atual e que seu estudo seja difundido amplamente, objetivando o letramento digital do indivíduo que está em processo de formação e que utiliza o contexto virtual até mesmo como subsídio interacional.

Palavras-chave: Internetês; Linguagem virtual; Variação linguística; Prática pedagógica; Sociolinguística.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A LINGUAGEM VIRTUAL, O INTERNETÊS	7
3 O DILEMA DO SÉCULO XXI PARA OS EDUCADORES DA LÍNGUA PORTUGUESA	8
4 A LINGUAGEM VIRTUAL E A SUA UTILIZAÇÃO	10
5 O SURGIMENTO DE UM NOVO GÊNERO TEXTUAL	12
6 DIFERENTES LINHAS DE RACIOCÍNIO	14
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

No século XXI, os jovens estão mais conectados do que nunca. Além dos computadores que possuem em suas casas, estão munidos vinte e quatro horas por dia com tablets e telefones celulares de última geração, com os quais mantém contato imediato com um mundo de possibilidades e conhecimentos. Desta forma, a linguagem virtual é intrínseca ao repertório comunicativo destes jovens e adolescentes, que a utilizam diariamente, e suscita a agilidade e rapidez das informações, tão prezadas pelos mesmos. (MARTINI, 2014).

A linguagem virtual é uma linguagem cifrada e abreviada para ser escrita no menor tempo possível, contida de frases curtas e expressivas, e é utilizada pelos adolescentes como padrão em relação a normas convencionais de comunicação virtual, uma vez que estabelece rapidamente sua função social de comunicar e ser inteligível. Como estão em contato direto com esse tipo de linguagem, além de utilizá-la com acuidade, agilidade e constância, ainda a disseminam em outros tipos de produções textuais que não apenas as virtuais. (EISENKRAEMER, 2008).

A utilização da linguagem virtual pelos alunos parece causar certa perplexidade em alguns professores mais convencionais, por transgredirem a norma padrão da Língua Portuguesa, uma vez que esses jovens, esporadicamente, utilizam esse tipo de linguagem em gêneros textuais que não os virtuais, evidenciando esta utilização em produções textuais escritas escolares. Essa perplexidade docente converte a linguagem virtual empregada pelos alunos, em veículos não virtuais, em erros linguísticos e ortográficos, o que pode ser visto como preconceito linguístico e vir a bloquear o processo criativo do educando. (MERCADO, 2010).

Estudos linguísticos evidenciam que a noção de erro não é uma questão precisamente linguística, mas fruto de uma eleição social que estabelece a variedade culta como certa. As variedades “erradas” fogem aos padrões das classes sociais consideradas dominantes, que refletem o poder e a autoridade que exercem nas relações econômicas e sociais, gerando, desta forma, o preconceito linguístico. (ALVES, 2012; SAMPAIO, 2012 & PESSOA, 2012).

Assim, na atualidade, os conceitos de “certo” e “errado” dão lugar aos conceitos de “adequado” e “inadequado”, o que pressupõe uma língua adaptável às situações de uso, levando em consideração os diversos fatores que interferem diretamente na maneira como a comunicação é perpetuada, tais como o grau de formalidade, o nível de relacionamento entre os interlocutores, a bagagem cultural do indivíduo, o ambiente no qual acontece a situação comunicativa, a intenção comunicativa pretendida, entre outras. (FIORIN, 2002).

Por outro lado, outros educadores acreditam que a linguagem virtual pode tornar-se um instrumento de trabalho, já que também representa um gênero textual, que pode ser estudada e dissociada dos demais gêneros paulatinamente, no decorrer de toda a formação discente de um indivíduo, além de poder alavancar inúmeros tipos de conhecimentos e a interação entre aluno, professor e conteúdo, através do veículo em que se estabelece, sendo algo próximo e bem conhecido dos educandos. (MERCADO, 2010)

Sendo assim, indaga-se: como proceder, na condição de Professor de Língua Portuguesa, diante deste fenômeno social? Ignorá-lo não seria a melhor saída, uma vez que a incorporação dessa linguagem “nova” pela escola é geradora de opiniões divergentes entre linguistas, professores e especialistas da área de Letras.

Parte-se, então, do princípio de que se trata de um caso a ser estudado, lendo e angariando informações das fontes mais contundentes possíveis, através de pesquisa bibliográfica, buscando evidenciar o quadro atual, as considerações dos especialistas sobre o assunto e finalmente desencadeando uma reflexão significativa de qual relação à linguagem virtual deva estabelecer em âmbito escolar com o objetivo de elucidar as dúvidas docentes com relação a sua inserção.

2. A LINGUAGEM VIRTUAL, O INTERNETÊS

Na atualidade, em decorrência do uso de aplicativos que permitem a comunicação instantaneamente, surgem novos gêneros textuais, que possuem uma escrita com características específicas e, a partir desta inserção de escrita tecnológica, nos deparamos com um grande entrave nas salas de aula; nos apropriarmos ou não da linguagem digital, já denominada cientificamente como *internetês* (KOMESU & TENANI, 2009) (MERCADO, 2010); uma linguagem truncada, cheia de abreviações específicas e que além de tudo isso utiliza-se de reduções de expressões e demais meios para estabelecer a comunicação entre seus usuários de forma ágil. (GOMES & CORREA, 2009)

Os diversos meios de comunicação digitais vêm despertando uma nova atitude frente ao ato de escrever, permitindo uma maior autonomia de seus usuários para manipular intencionalmente os elementos linguísticos da Língua Portuguesa, produzindo uma escrita não convencional, mas de aspectos completamente relevantes dentro do contexto digital. Com isso, a variedade escrita desencadeada pela produção desses textos virtuais é influenciada pela interação dos grupos, faixa etária dos envolvidos nos diálogos e amplitude linguística que possuem. Assim sendo, um usuário que não conheça esse modelo alternativo de linguagem, ou

não esteja inteirado das características de determinado conjunto de pessoas, terá dificuldades em comunicar-se satisfatoriamente e compreender o conteúdo do texto “teclado” desenvolvido por este grupo específico. (MERCADO, 2010)

A linguagem, predominantemente, é utilizada na forma coloquial, com frases curtas, visando facilitar tanto o processo de escrita quanto o de leitura. Através do uso de imagens e de elementos gráficos que compõem o teclado do computador, inserem-se ao contexto digital elementos paralinguísticos que advém da oralidade, como por exemplo, a expressão facial, além de elementos simbólicos, que indicam até mesmo o estado emocional dos indivíduos. Desta forma, o locutor no processo comunicacional expressa suas ideias e sentimentos sem precisar descrevê-los linguisticamente, fazendo com que seu interlocutor, ao visualizar seu texto, saiba exatamente como o outro está sentindo-se, como se estivessem conversando face a face. (MERCADO, 2010)

A produção escrita nos meios virtuais, as transgressões a linguagem padrão, são desenvolvidas conscientemente e intencionalmente, evidenciando uma escolha dos usuários por uma forma econômica e ágil no processo de comunicação. Nesse sentido, em função do contexto no qual esse tipo de comunicação ocorre, não seria apropriado vincular a linguagem digital ao uso errôneo da língua. (MERCHANT, 2005; FREITAS, 2000; PEREIRA & MOURA, 2005; CAIADO, 2007).

Neste processo, faz-se necessário tecer algumas reflexões relacionadas a esse fenômeno e o ensino da língua portuguesa.

3. O DILEMA DO SÉCULO XXI PARA OS EDUCADORES DA LÍNGUA PORTUGUESA

Diante deste fenômeno linguístico social os profissionais de Língua Portuguesa tendem a questionar se a linguagem virtual deve ou não fazer parte integrante da linguagem desenvolvida no meio escolar, adequando-se com o passar dos tempos, ou se ela deve ser repudiada, ignorada e banida das produções escolares e do âmbito escolar, como se não tivesse qualquer relevância aos educandos do século XXI.

É essencial o estudo dessa questão, uma vez que a mesma poderá suscitar uma visão global e a reflexão aos profissionais de Língua Portuguesa que se propuserem a ler sobre o assunto, fazendo com que possam angariar argumentos para posicionar-se e construir suas estratégias didático-pedagógicas baseadas em estudos teóricos significativos e relevantes. Além disso, o fato de estabelecer comunicação torna o seu estudo ainda mais pertinente, já que as

diversas formas de comunicação fazem parte das análises que cabem a um especialista em Língua Portuguesa.

As crianças e adolescentes se apropriam cada dia mais cedo desta linguagem devido à evolução tecnológica que circunda o mundo de forma geral. Por terem contato com equipamentos tecnológicos desde muito cedo, são inseridas a este universo sem mesmo se dar conta, instintivamente adequam-se com propriedade à linguagem ali utilizada com tal destreza e rapidez, que nós educadores deveríamos estar muito bem atualizados para acompanhá-los; contudo, não é bem assim que acontece. (MARTINI, 2014).

Muitos professores têm se posicionado contra essa modalidade de escrita, por acreditarem que tal forma empobrece a Língua Portuguesa, assim como a internet empobrece o cérebro das pessoas, desconsiderando totalmente a heterogeneidade constitutiva da linguagem¹ e das práticas textuais com a interferência da linguagem falada na escrita e com assunção preconceituosa contra as práticas orais faladas. Os docentes que corroboram tal tese acreditam que as marcas de oralidade não podem fazer parte de textos escritos ou formais, ou ainda que a língua é apenas um conjunto de signos fechado e organizados, composto por regras estipuladas para se falar e escrever bem; o que implica a necessidade da aprendizagem formal para que se tenha um lugar de enunciação legitimado. (MERCADO, 2010).

Outros mestres têm se mostrado mais maleáveis, ao defender que a linguagem virtual é uma nova forma de comunicação que deve ser considerada e compreendida pela escola e que sua inclusão ao âmbito escolar está intrinsecamente relacionada ao ingresso das novas tecnologias em sala de aula, por isso faz-se necessário refletir sobre as diversas linguagens midiáticas e a sua aplicabilidade no contexto escolar. Defendem ainda a ideia de que a língua e a fala não são objetos diferenciados no qual a língua é superior e imutável, composta de regularidades e poder, enquanto a fala é informal, assistemática e submissa ao padrão estabelecido pela norma culta, disseminando a ideia de que há movimento na língua e *continuum* na relação oralidade-escrita. Nesse sentido, o internetês nada mais é que uma nova modalidade de escrita, tão rica e desafiadora quanto as utilizadas em outros contextos.

De acordo com BORTONI-RICARDO (2009), o *continuum* que estabelece relação oralidade-escrita é o de monitoração estilística, no qual são fatores essenciais para que se estabeleça uma comunicação efetiva parâmetros como a dependência contextual, a

¹ Heterogeneidade linguística é a diversidade no desempenho linguístico de grupos sociais. De um modo geral, pode-se dizer que os fatores determinantes da heterogeneidade linguística são três: o situacional; o geográfico, responsável pela divergência linguística entre comunidades fisicamente distantes; o social, responsável pela divergência linguística entre distintos subgrupos de uma comunidade local, sendo fatores potencialmente distintivos: a estratificação social, a faixa etária, o gênero, a ocupação profissional dos falantes e o registro de uso que vai desde o uso mais coloquial até o mais formal. (Glossário de Linguística Aplicada. Disponível em <http://www.sala.org.br/index.php/h/207-heterogeneidade-linguistica>, consulta em 23/12/2015)

complexidade temática e a familiaridade comunicativa diante de determinado gênero, suscitando mais uma vez as máximas da adequação e inadequação linguística.

Segundo Sergio Nogueira (apud MERCADO, 2010), “a língua é viva, evolui, se transforma, isso é natural” o que nos leva a refletir sobre o quão importante é o professor de Língua Portuguesa conhecer tal código.

FREIRE (1996), em seu livro denominado *Pedagogia da Autonomia*, já propunha práticas pedagógicas que desencadeassem a construção da autonomia dos educandos, afirmando que devemos educar respeitando e valorizando a cultura e o conhecimento empírico de nossos alunos, visando uma aprendizagem significativa e que mantenha relação com seu universo para que ela se torne qualitativa e compreensível.

Entende-se desta forma que os educadores deveriam referenciar a linguagem utilizada com maestria nas redes sociais pelos estudantes em sala de aula visando aprimorar o aprendizado. Mas de que forma abordá-la e estudá-la?

4. A LINGUAGEM VIRTUAL E SUA UTILIZAÇÃO

A linguagem virtual é utilizada com facilidade e desenvoltura, não somente nos *blogs*, *chats*, *e-mails* e redes sociais como também nas produções textuais escolares, sendo mais comuns em bilhetes informais, mas também aparecendo, circunstancialmente, nos demais gêneros que se propõe produzir. Isso ocorre por este tipo de linguagem estar muito presente no cotidiano de jovens e adolescentes e já fazer parte intrínseca do seu repertório linguístico e comunicacional, uma vez que estabelece comunicação satisfatória e inteligível entre emissor e receptor de forma concisa e rápida. (MARTINI, 2014).

O problema a ser abordado, estudado e analisado diz respeito aos veículos, nos quais se utiliza esse tipo de linguagem, uma vez que não se enquadra na norma tida como culta da Língua Portuguesa. Portanto, de acordo com alguns teóricos, não deveria compor as produções desenvolvidas em âmbito escolar, restringindo-se a virtualidade.

Em contraposição, sabe-se que a linguagem virtual também pode servir de elemento impulsionador estratégico para a interação entre professor, aluno e conteúdo, o que pouco a pouco desencadearia a amplitude linguística do educando e permitiria a interferência do próprio educando em seu processo de aprendizagem, já que seria instigado a aperfeiçoar-se no meio virtual ao qual já está habituado e, através do mesmo, ampliar seus conhecimentos das mais variadas ordens e qualificar-se expressiva e linguisticamente. Caberia à escola apropriar-se ou não da linguagem virtual ou dissociá-la das práticas escolares?

Por que desvincular a linguagem virtual, uma linguagem abreviada e cifrada, que propicia a agilidade e rapidez, suscitada como imprescindíveis no século XXI, das produções textuais escolares que, apesar de contemplarem os mais diversos gêneros textuais, não incluem esse tipo de linguagem, restringindo-se apenas ao uso da norma padrão da língua?

O educador acaba vivendo um dilema: restringir-se ao uso da norma culta da Língua Portuguesa, tida como padrão, ou utilizar também a linguagem virtual, o que despertaria a curiosidade e interesse por ser tão difundida entre os alunos, como ponto de partida para inúmeras outras questões linguísticas que permeiam a nossa língua como, por exemplo, as variações pertinentes a ela e os meios sociais mais propícios para sua utilização.

Para FREIRE (2003), “pela primeira vez nossa humanidade já tão velhinha, as pessoas estão se conhecendo primeiramente pela palavra escrita. E lida, é claro[...] Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto”.

Mesmo que a escrita utilizada na internet não seja considerada como “correta”, por não seguir as normas estabelecidas como culta/padrão da Língua Portuguesa, as produções textuais tem se ampliado significativamente nos meios sociais, o que faz com que a população, de modo geral, escreva mais, mesmo que “incorretamente”, o que já é um grande passo linguístico, uma vez que produções escritas, até pouco tempo atrás, eram muito escassas. Cabe ressaltar ainda que a linguagem virtual não destoa totalmente no que concerne a noções da estrutura da Língua Portuguesa, uma vez que a fonética é o fio da meada (os sons são imprescindíveis) e nem tudo pode ser alterado ou inventado, demonstrando que o indivíduo possui certo conhecimento da estrutura da linguagem; mesmo que seja o básico, fato que já pode ser considerado um avanço. (EISENKRAEMER, 2006).

Partindo deste princípio, é possível denotar o quão a linguagem virtual se faz presente no dia-a-dia das pessoas e a importância comunicativa que vem suscitar à sociedade de modo geral. Mesmo sendo uma linguagem cifrada, desde que emissor e receptor conheçam o código utilizado, no caso o internetês; assim sendo, há o estabelecimento de comunicação e se a comunicação se estabelece, deve ser estudada e analisada com acuidade pelos linguistas.

Segundo FRUET:

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual. (FRUET et al. 2008 apud: ALVES, 2014, p.06)

Com base neste princípio de economia das construções linguísticas, utiliza-se com frequência abreviações que tornam a digitação mais rápida, sem que haja prejuízo interacional entre os interlocutores.

Outra característica importante desta linguagem a ser exposta é o seu caráter expressivo, sinalizado a partir de diversos recursos como: o uso exagerado de sinais de pontuação, letras maiúsculas, alongamento de vogais e sílabas e principalmente através dos emoticons (carinhas divertidas, de invenção japonesa, que tem por finalidade expressar as emoções pelas quais estão passando os internautas no momento em que se realiza a conversa). São elementos importantes pois buscam transmitir para a escrita os aspectos de um diálogo frente a frente.

Faz-se necessário salientar que o internetês não pode ser considerado apenas como uma mescla entre fala e escrita, mas um fenômeno sociolinguístico que reúne algumas características dessas duas modalidades além de traços inovadores, configurando assim uma terceira modalidade que ainda não recebeu classificação e nomenclatura adequada.

Segundo FREITAS (2005, p.13), “as palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê não são palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais; o som se reduz a registros escritos. ”

Vivemos em uma sociedade na qual a velocidade de informação faz-se essencial, “é a velha e conhecida lei do MINIMAX, que ajuda muito a explicar as evoluções nas línguas: mínimo esforço para o máximo de expressão” (OTHERO, 2004, P.22). Desta forma caracteriza-se a linguagem virtual ou o internetês, como já é conhecida por estudiosos da Língua Portuguesa.

5. O SURGIMENTO DE UM NOVO GÊNERO TEXTUAL

Os textos, de modo geral, são demarcados por características peculiares tais como seu domínio discursivo (jornalístico, publicitário, científico, etc.), seu suporte físico e sua linguagem. Cada gênero textual é marcado por um tipo de linguagem que o legitima e lhe confere credibilidade.

Para GOMES & CORREA:

Em decorrência das demandas do uso dos aplicativos de comunicação instantânea, surgem novos gêneros textuais, investindo a escrita das características linguísticas específicas, visando tornar a comunicação através do texto digital mais dinâmica e funcional. (GOMES & CORREA, 2009, p. 71-88).

O internetês é a linguagem abreviada, repleta de expressividade que circunda os *blogs*, salas de bate-papo e *sites* de relacionamento digitais. É uma linguagem compreensível por parte

dos internautas e estabelece comunicação satisfatoriamente de forma ágil e concisa. Pelo fato da língua ser viva e transformar-se constantemente, não se mantendo estática no tempo, os usuários da *internet* inovam o uso da linguagem, testando formas novas de transcrever e representar a língua oral no espaço virtual.

Segundo MARCUSCHI (2005, p.26) “os gêneros surgem dentro de ambientes como locais que permitam culturas variadas, comprovando que a Internet não é um ambiente virtual homogêneo”. Desta forma, caberia à escola trabalhar com esse novo gênero que está mais difundido do que nunca entre os adolescentes?

A escola deveria preocupar-se em ensinar como escrever um e-mail e outros textos que concernem ao meio digital ou bastaria apenas continuar ensinando como escrever uma carta pessoal, bilhete e outros gêneros impressos? Será que o modelo de interação comunicacional utilizado diariamente entre as pessoas, seja em casa ou no trabalho, deve ser mantido a parte do ambiente educacional, mesmo que estejamos cientes que a função da escola é formar o indivíduo da maneira mais abrangente possível para que ele possa exercer conscientemente a cidadania? (MERCADO, 2010).

Para BORTONI-RICARDO:

A tarefa educativa da escola, em relação a língua materna, é justamente a de criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interage. (BORTONI-RICARDO, 2009)

A escola não pode negar ao aluno o conhecimento de todas as opções possíveis de comunicação e linguagem, a fim de que compreenda as mudanças sociolinguísticas e se aproprie desta nova forma de linguagem, o *internetês*. Este é um dos papéis da educação, pois está associado a ideia de inclusão e permanência do sujeito no ambiente digital. A escola tem a função de aproximar este indivíduo das novas ferramentas tecnológicas e fazer com que ele se adapte a esta linguagem de forma consciente, fazendo-o compreender e ter discernimento suficiente para utilizar a linguagem apropriada para os diversos espaços de comunicação. Este ainda parece ser o melhor caminho para compreender a linguagem oral e escrita na sociedade e na vida. (MERCADO, 2010)

Tendo como base tal vertente, os educadores deveriam valorizar a bagagem linguística dos alunos, mostrando a adequação e diferença de cada forma de uso da linguagem de acordo com o contexto, uma vez que toda produção textual tem relações situacionais e contextuais.

Desse modo, todo texto se define por situar-se em um contexto sociointerativo e por satisfazer a um conjunto de condições que constrói cognitivamente a produção de sentidos. Parafraseando Kant, *a língua sem contexto é vazia e o contexto sem língua é cego*. (MARCUSCHI, 2014, p. 87 e 89).

6. DIFERENTES LINHAS DE RACIOCÍNIO

Abordando a utilização da linguagem virtual em instituições educacionais, temos três linhas de raciocínio argumentativo completamente distintas.

Há os que acreditem que, se “não se ligar, a escola se desqualificará”. E ainda conclui que a “escola não pode ignorar o que se passa no mundo” (PERRENOUD, 2000, p. 125).

A comunicação entre professores e alunos na atualidade não é apenas de cunho formal e impessoal como há alguns anos atrás, quando os mestres eram vistos como seres intocáveis. Para atingir aos alunos, em seus mais diversos âmbitos, os educadores, em sua grande maioria, se dispuseram a manter uma relação mais pessoal de comunicação, na qual ambos os indivíduos são vistos como seres humanos e possuem suas particularidades. Desta forma, aprendemos que o ambiente, as circunstâncias e as relações interpessoais interferem na aprendizagem.

São professores e alunos em sala de aula, amigos em suas redes sociais participando da vida pessoal uns dos outros, orientadores, incentivadores e orientados em grupos específicos criados por série ou turma e consultores em determinadas situações, sejam elas presenciais ou através de *chats*. A ampliação dessas relações já sucumbe à utilização de diferentes linguagens em diferentes meios, o que faz com que o educando entenda com maior destreza, como se relacionar linguisticamente em determinada circunstância e contexto. Vislumbrando este ínterim, BORTONI-RICARDO (2009) afirma: “No desempenho dos papéis sociais, os indivíduos transitam por espaços sociolinguísticos em que têm de dominar certos usos especializados da língua”.

Da mesma forma, reiteram este conceito KOMESU & TENANI:

Dentre os adeptos do internetês, a noção de língua parece ser da forma de interação social e histórica. Mais do que possibilitar transmissão de informação ou de prometer transparência na comunicação por meio da língua em funcionamento o sujeito dialoga com o outro, constituindo-se como sujeito da linguagem. Essa visão, privilegiada nos estudos enunciativos e discursivos, demanda o exame da situação de comunicação e do modo de interação entre os sujeitos na atividade verbal. (KOMESU & TENANI, 2009).

Assim, analisar em sala de aula o internetês permitiria observar uma possibilidade da língua e do discurso, considerando-se a heterogeneidade como traço constitutivo da linguagem² e das atividades verbais humanas.

Para outros linguistas, “... a escrita teclada não seria transposta necessariamente a outros contextos discursivos, como por exemplo o escolar, sugerindo, desta forma, a ocorrência de um processo de legitimação das escolhas linguísticas em função do contexto sociocomunicativo.” (GOMES & CORREA, 2009, p. 71-88).

Controverso a esta linha de raciocínio está a idealização de que no âmbito escolar sejam utilizadas as novas tecnologias, o que abriria concomitantemente as portas para receber a linguagem que se difunde neste meio, o internetês. Uma vez que as aulas devem ser abrangentes e fazer uso de novos meios tecnológicos fica praticamente indissociável a ideia de que também devemos trabalhar e contemplar o gênero textual que os permeia, sem o qual o estabelecimento comunicacional é rompido por ser ininteligível aos indivíduos que ainda não puderam ter acesso a esse contexto; o que seria uma falha de uma instituição educacional e principalmente do professor de Língua Portuguesa que deveria ter como princípio fazer com que os seus educandos conheçam os diferentes gêneros textuais, visando a adequação comunicacional aos diversos contextos sociais de que possam fazer parte ou estar inseridos.

E, por fim, há aqueles que acreditam “... que o internetês não é Língua Portuguesa, pois têm como referente concepção de Língua Portuguesa como norma gramatical que deve ser obedecida em quaisquer circunstâncias de uso, sobretudo, quando se trata da modalidade escrita.” (KOMESU, 2006, p. 425-437).

De acordo com esta vertente, a língua seria um instrumento de comunicação, um código imutável e inequívoco concebido como um conjunto de signos que se combinam de acordo com regras, denominada como gramática descritiva, sendo associado à modalidade escrita culta padrão da língua, denotando um alto índice de pureza projetada como ideal da escrita que não sofre interferências da fala e que deveria ser seguida por todo e qualquer indivíduo, em quaisquer circunstâncias.

Talvez essa perspectiva linguística pudesse ser aceita se não fosse clara, atualmente, a importância da variação linguística que permeia a Língua Portuguesa e o quanto esta variação interfere no enriquecimento e desenvolvimento global da linguagem; ou se de fato a língua fosse imutável e não houvesse a necessidade de adaptação, de tempos em tempos, aos novos acordos ortográficos que são oficializados pelos países que fazem uso da Língua Portuguesa.

² Conforme pág. 5.

Uma vez refutada esta ideia de que a língua é imutável, por que não aceitar o internetês como variação linguística?

Demo diz que o conhecimento científico encontra seu distintivo maior na paixão pelo questionamento, alimentado pela dúvida metódica. “Questionar, entretanto, não é apenas resmungar contra, falar mal, desvalorizar, mas articular discurso em consistência lógica e capaz de convencer.” (DEMO, 2000, p. 25).

Cabe ressaltar que, segundo EISENKRAEMER:

As redes de comunicação digitais mudam a sociedade significativamente, influenciando o modo de ler e de escrever das pessoas. No entanto, o ambiente virtual pode aumentar o sentido dos saberes e dos trabalhos; destarte, podemos associar os instrumentos tecnológicos aos métodos ativos, já que favorecem a pesquisa; a exploração; a simulação; a construção de estratégias; o trabalho com imagens e representações, que aborda todo um processo simbólico; etc. Porém, o sucesso do ensino da Língua Portuguesa a alunos internautas depende da forma de como o professor aceita essa nova modalidade de expressão e de como enquadra e dirige atividades relacionadas, tendo sempre um objetivo em vista: a sua habilidade didática e a sua relação com o saber. (EISENKRAEMER, 2006)

Sendo assim, a linguagem virtual pode ser considerada como um instrumento operacional que permite a amplitude sociolinguística dos educandos a medida que serve como parâmetros de pesquisa e ampliação de saberes de acordo com o objetivo estipulado pelo professor em suas aulas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao estudo bibliográfico realizado é possível constatar que o objetivo do trabalho foi alcançado uma vez que, através deste recorte bibliográfico de referência, tornou possível concluir que a linguagem virtual, na maioria das vezes, não é empregada indiscriminadamente e que grande parte de seus usuários têm consciência que esta linguagem é uma variedade linguística que advém de um contexto específico, que são os ambientes virtuais, e que deve restringir-se a esse contexto ou a bilhetes informais.

Foi possível verificar também, através dos textos de referência, que a linguagem virtual não permeia os textos escolares mais formais e quando há ocorrências estas são pontuais e deveriam ser vistas como uma espécie de interferência linguística na qual o usuário da linguagem virtual, por uma distração, a utiliza inconscientemente em um gênero textual que destoa do digital.

Apesar de os adolescentes manterem-se conectados praticamente as vinte e quatro horas do dia, interagindo através de uma escrita alternativa, a possibilidade de desaprenderem a linguagem padrão do Português torna-se praticamente nula, uma vez que apresentam

discernimento suficiente a respeito da diferença existente entre os dois tipos de escrita, o padrão e o digital. Desta forma, o uso recorrente da linguagem digital não afetaria, por sua constante repetição, o uso da linguagem escrita em sua forma padrão nos contextos sociocomunicativos em que essa linguagem for requerida.

De modo geral, é como se o próprio adolescente estabelecesse uma convenção de diferenciação entre a utilização da linguagem digital que pode ser mais flexível e passiva de inúmeras transformações em um contexto digital e a linguagem padrão no âmbito escolar que deve seguir normas pré-estabelecidas pelas gramáticas vigentes da Língua Portuguesa.

Vislumbrando este contexto, podemos verificar que os professores deveriam ser suscetíveis ao estudo da linguagem virtual como gênero textual, objetivando a amplitude linguística que permeia o contexto tecnológico. Além disso, seria possível utilizar-se do meio digital, assim como a linguagem nele utilizada, para manter uma relação mais próxima de seu educando e propiciando situações de aprendizagem mais contundentes a seus interesses, o que certamente se tornaria uma grande estratégia pedagógica.

[...] O que caracteriza um falante culto é justamente essa facilidade que ele tem de mudar de registro, como se diz em Linguística. Ele pode passear tranquilamente por todo o espectro de variedades, por todo o continuum, conforme lhe pareça mais adequado às suas intenções comunicativas. Por isso é tão importante permitir a todos os falantes o acesso à escola e à norma padrão. Esse conhecimento permitirá que a pessoa escolha a variedade ou o estilo que quer usar num dado contexto, numa dada situação [...]. (BAGNO, 2006 – p.193)

Refletir e problematizar sobre questões como essa citada por Marcos Bagno ajuda a esclarecer ainda mais a temática instigante que é apropriar-se ou não da linguagem virtual em âmbito escolar, levando o professor a tomar decisões responsáveis, sensatas e acertadas ao contexto educacional.

Pensar sobre essa perspectiva levará o professor a preparar o educando para raciocinar criticamente as diversas formas de linguagem, inclusive o internetês, bem como a utilizá-las de forma adequada, conforme a situacionalidade, o propósito comunicacional, o receptor, as convenções culturais e as restrições de gênero textual.

Devemos considerar ainda a questão do preconceito linguístico. Normalmente, o ensino de nossa língua é feito de forma bastante rígida, baseado em regras gramaticais, desconsiderando o contexto, o interlocutor e a situacionalidade que a circundam. Trata-se de uma abordagem errônea, já que estudos sociolinguísticos confirmam que a língua é viva, além de mutável, e deveríamos contemplá-la em suas mais variadas formas.

Existem indícios que apontam a dificuldade e quase impossibilidade de abolirmos a inserção da linguagem virtual em sala de aula, uma vez que o professor sabe que ela pode servir como um elemento potencial para o desenvolvimento cognitivo do educando.

Só o tempo nos revelará quais interferências o internetês desencadeará na Língua Portuguesa padrão. Contudo, do ponto de vista linguístico, essa linguagem não oferece nenhum perigo, uma vez que, como tudo na vida, é preciso ter bom senso e saber o lugar e a hora de usar as coisas.

Cabe ressaltar, por fim, que o artigo em questão apresenta limitações uma vez que o seu desenvolvimento restringiu-se à análise de referências bibliográficas, contudo, pode ser considerado como o primeiro passo para pesquisas futuras que possam vir a corroborar este estudo.

Referências

- ALVES, Teresa Cristina. **O internetês e o ensino de Língua Portuguesa: uma reflexão sociolinguística**. XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística e Filología de América Latina (ALFAL 2014) João Pessoa-Paraíba, Brasil.
- ALVES, Joseilson Jales. LIMA, Maria Graceli de. SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **O ensino de Língua Portuguesa em debate: contribuições da linguística**. Campina Grande: Realize Editora, 2012.
- BAGNO, M. **A norma culta: língua e poder na sociedade brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Parábola, 2003
- _____. **Preconceito linguístico: o que é e como se faz**. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. A sociolinguística em sala de aula. 6. Ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- CAIADO, Roberta V. R. **A ortografia no gênero weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar**. In: J.C. Araújo (Org). *Internet e Ensino: novos gêneros outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 35-47, 2007.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- EISENKRAEMER, Raquel Eloísa. **Leitura digital e linguagem cifrada dos internautas**. *Texto Digital*, v. 2, n. 2, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística – I. Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- FREIRE, Fernanda M. P. A palavra (re)escrita e (re)lida via Internet. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire – São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A escrita de adolescentes na internet**. *Revista de psicologia clínica*, vol.12, n.02, pp.171-188, 2000.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Ana Lucia; CORREA, Jane. **Escrita teclada x escrita padrão na produção textual: a experiência de adolescentes brasileiros**. Revista Portuguesa de Educação, v. 22, n. 1, p. 71-88, 2009.

KOMESU, Fabiana. **Visões da língua(gem) em comentários sobre internetês não é língua portuguesa**. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 8, p. 425-437, 2006.

KOMESU, Fabiana & TENANI, Luciane. **Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem**. Linguagem em (dis)curso, Palhoça, SC, v.9, n.3, pp. 621-643, set./dez. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. A textualidade e sua inserção situacional e sociocultural. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola Editorial, São Paulo, Abril de 2008.

_____. Os gêneros emergentes na mídia virtual e o ensino. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola Editorial, São Paulo, Abril de 2008.

MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. **Do quadro negro ao mundo virtual**. Revista Entre Ideias, Salvador, v. 3, n. 2, p. 145-174, jul./dez. 2014.

MERCADO, Elisangela Leal de Oliveira. **Internetês na escola: avanço, retrocesso ou diversidade da língua?** Congresso Iberoamericano de Informática Educativa. Santiago, Chile, 2010.

MERCHANT, Guy. **Electronic Involvement: identity performance in children’s informal digital writing**. Discourse: Studies in the cultural politics of education, vol.26, n.03, pp.301 a 314, 2005.

NOVAES, Ana Maria Pires. **Letramento, oralidade e escrita em contexto digital**. Caderno semanal digital, ano 18, n.17, v.17, Jan.-Jun., 2012.

OLIVEIRA MERCADO, Elisangela Leal de. **Internetês na Escola: avanço, retrocesso ou diversidade da língua?** Disponível em <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1798/Educacao%20e%20ciberespaco.pdf?sequence=1#page=86>. Acesso em 06/11/2014.

PEREIRA, Ana Paula M. S. & MOURA, Mirtes Z. S. **A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais.** In MTA. Freitas e S.R. Costa (Org.). Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. São Paulo: Autêntica, pp. 65-83, 2005.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão linguística de nosso idioma na era digital.** Novo Hamburgo, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar: convite à viagem.** Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.